

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CURSO DE ARTES VISUAIS**

Ana Cecília Moraes Oliveira Cavalcante

**DISLEXIA E PROCESSO DE CRIAÇÃO EM ARTES VISUAIS:  
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

**UBERLÂNDIA-MG  
2018**

Ana Cecília Moraes Oliveira Cavalcante

**DISLEXIA E PROCESSO DE CRIAÇÃO EM ARTES VISUAIS:  
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Monografia apresentada para avaliação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso II”, do Curso de Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Prof. Dra. Elsieeni Coelho da Silva.

**Uberlândia  
2018**

Ana Cecília Moraes Oliveira Cavalcante

**DISLEXIA E PROCESSO DE CRIAÇÃO EM ARTES VISUAIS:  
UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA**

Monografia apresentada para avaliação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso II”, do Curso de Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia, 19 de dezembro de 2018.

Banca examinadora

---

Orientadora: Prof. Dra. Elsieni Coelho da Silva.

---

Prof. Dra. Roberta Maira de Melo.

---

Prof. M.<sup>a</sup> Marina Vargas Tomaz.

Dedico este trabalho aos meus pais, Regina e Mario Zan, e ao meu esposo João Carlos por sua paciência, carinho e dedicação. Meus grandes incentivadores de todas as horas.

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus em primeiro lugar.

Aos professores do Departamento de Artes do Curso de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia por tudo que me ensinaram sobre arte, por terem feito com que todas as minhas expectativas fossem superadas. Por me mostrarem que as artes visuais não se resumem a imagens bem feitas, a pinturas e esculturas esteticamente belas, a técnicas de execução ou à mera historiografia. Percebi com todos que a arte é viva, dinâmica, é sentimento, parte de um todo que compõe o mundo do artista.

Em especial, agradeço às professoras Elsieni Coelho da Silva e Roberta Maira de Melo pelo apoio, constante estímulo, confiança e paciência, assim como pela forma profissional e amiga com a qual me orientaram, não só neste, mas em tantos outros trabalhos no decorrer da minha graduação.

O *fazer artístico* (a criação) é a mobilização de ações que resultam em construções de formas novas a partir da natureza e da cultura; é ainda o resultado de expressões imaginativas provenientes de sínteses emocionais e cognitivas.

*FERRAZ; FUSARI*

## RESUMO

Este estudo que desenvolvemos no decorrer deste trabalho versa sobre o processo de criação artística e a forma como este está relacionado com a dislexia. O mesmo está pautado em três elementos importantes, a saber: inclusão escolar com ênfase na dislexia, com o intuito de demonstrar como a pessoa com dislexia se comporta no processo de desenvolvimento cognitivo; no referencial teórico que tem a obra *Gesto Inacabado: processo de criação artística* de Cecília Almeida Salles, que trata da relevância da memória e imaginação no processo criativo; e, por fim, o estudo autobiográfico da forma como se dá o meu processo de criação enquanto portadora de dislexia. A inclusão escolar é um processo que busca introduzir alunos com algum tipo de necessidade especial no cotidiano com outros que não as tem no intuito de sociabilização e adequação ao mundo cotidiano que não propicia condições diferenciadas para os mesmos. Nosso foco está, neste contexto, na dislexia que é uma condição em que o indivíduo tem um modo diferenciado de percepção e cognição do mundo. Percebeu-se, na referida obra de Cecília Almeida Salles, um ponto importante para o processo de formação de conhecimento do disléxico, com o qual nos identificamos muito: a importância da memória, dos rastros e vestígios para a criação artística. Essa afinidade com a teoria da autora se dá porque constatamos que meu modo de criar está sempre vinculado a minha vivência e, conseqüentemente, memória. Enfim, o estudo evidencia como se dá o processo de criação artística para pessoas com dislexia a partir do referencial teórico de Cecília Almeida Salles, sendo que o estudo restringiu-se à obra supracitada e na minha própria produção e autobiografia.

**Palavras-chave:** dislexia; artes visuais; autobiografia.

## ABSTRACT

This study that we developed in the course of this work deals with the process of artistic creation and how it is related to dyslexia. The same is based on three important elements, namely: school inclusion with emphasis on dyslexia, in order to demonstrate how the person with dyslexia behaves in the process of cognitive development; in the theoretical reference that has the work *Unfinished Gesture: process of artistic creation of Cecilia Almeida Salles*, which deals with the relevance of memory and imagination in the creative process; and, finally, the autobiographical study of the way in which my creation process is carried out as a carrier of dyslexia. School inclusion is a process that seeks to introduce students with some kind of special need in everyday life with others who do not have them in order to socialize and adapt to the everyday world that does not provide different conditions for them. Our focus is, in this context, on dyslexia which is a condition in which the individual has a differentiated mode of perception and cognition of the world. In the mentioned work of Cecília Almeida Salles, an important point for the process of knowledge formation of the dyslexic was identified, with which we have identified a lot: the importance of memory, traces and traces for artistic creation. This affinity with the author's theory happens because we find that my way of creating is always linked to my experience and, consequently, memory. Finally, the study shows how the process of artistic creation for people with dyslexia is based on the theoretical reference of Cecilia Almeida Salles, and studied it was restricted to the work mentioned above, and in my own production and autobiography.

**Keywords:** dyslexia; visual arts; autobiography.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Primeiro esboço da pintura (lápis em papel sulfite), 2004 .....	35
<b>Figura 02</b> – Segundo esboço da pintura (lápis em papel sulfite), 2004 .....	35
<b>Figura 03</b> – Do papel para a tela, 2004 .....	36
<b>Figura 04</b> – s/t (tinta sobre tela), 2004 .....	36
<b>Figura 05</b> – s/t (pintura sobre tela), 2004 .....	36
<b>Figura 06</b> – Prova de teste de cores já queimada 1ª vez. 12,5X18,5 cm e 1cm de espessura, 2013.....	37
<b>Figura 07</b> – Prova de teste de cores já queimada em definitivo. Aproximadamente 13X16 cm e 1cm de espessura, 2013 .....	37
<b>Figura 08</b> – São 9 placas de cerâmica de 13X15 cm e 2 cm de espessura. O painel inteiro tem 45X56 cm e 4 cm de espessura, 2013 .....	38
<b>Figura 09</b> – São 9 placas de cerâmica de 13X15 cm e 2 cm de espessura. O painel inteiro tem 45X56 cm e 4 cm de espessura, 2013 .....	38
<b>Figura 10</b> – São 9 placas de cerâmica de 13X15 cm e 2 cm de espessura. O painel inteiro tem 45X56 cm e 4 cm de espessura, 2013 .....	38
<b>Figura 11</b> – Exposição “Terra, água e fogo” ocorrida na Galeria de Arte do Espaço Cultural do Mercado Municipal, 2013/14 .....	38
<b>Figura 12</b> – Prova de teste (desenho esculpido na cerâmica), 2014.....	39
<b>Figura 13</b> – Prova de teste 17X19 cm e 2cm de espessura, 2014 .....	39
<b>Figura 14</b> – Amostragem de cores, 2014 .....	39
<b>Figura 15</b> – Teste de cores na prática no material, 2004 .....	39
<b>Figura 16</b> – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura, 2014 .....	40
<b>Figura 17</b> – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura, 2014 .....	40
<b>Figura 18</b> – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura, 2014 .....	40
<b>Figura 19</b> – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014 .....	40
<b>Figura 20</b> – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura, 2014 .....	41

<b>Figura 21</b> – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura, 2014 .....	41
<b>Figura 22</b> – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura, 2014 .....	41
<b>Figura 23</b> – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura, 2014 .....	41
<b>Figura 24</b> – Foto do Trabalho “Narrativas autobiográfica” exposto.....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: INCLUSÃO E DISLEXIA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 O que é Inclusão.....</b>	<b>12</b>
1.1.1 A arte no processo de Inclusão Escolar .....	13
1.1.2 A Arte Visual como recurso no processo de Inclusão .....	14
<b>1.2 O que é dislexia e suas implicações .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2: PROCESSO DE CRIAÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Vestígios, traços e rastros no processo de criação.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 3: PROCESSO DE CRIAÇÃO: UMA HISTÓRIA AUTOBIOGRÁFICA.</b>	<b>30</b>
<b>3.1 Memória, rastros e vestígios no meu processo de criação .....</b>	<b>32</b>
3.1.1 Projeto para pintura em tela .....	35
3.1.2 Projeto para painéis de cerâmica .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge do desejo, bem como da necessidade que tenho para entender meu processo de estudo e criação na condição de portadora de dislexia. Julgo importantes os caminhos e atitudes que tomei para os resultados que obtive e obterei na produção poética e desse texto em constante transformação, pois estou sempre buscando mais autonomia na vida acadêmica.

Os portadores de dislexia têm com a arte uma relação íntima. O que parece um problema para muitos, a falta de ortografia correta e a leitura fraca, ponto inquietante da minha condição, sempre fui recompensada pela capacidade imaginativa e de criatividade, qualidades divididas entre os disléxicos e a arte. Necessitamos adaptar as demandas cotidianas como, memorizar nomes de rua, de livros, datas comemorativas, coisas simples do dia a dia e, por isso, demandamos da criatividade como estratégias. Um hábito que se torna relevante no processo de associar momentos e lembranças para algumas coisas.

Assim, tenho como objetivo geral compreender as características da dislexia que potencializam o ato criativo em Artes Visuais e como objetivos específicos apresentar, analisar e refletir sobre o percurso autobiográfico na produção de pinturas e painéis cerâmicos no período de 2004 a 2017. E como questão a responder: quais as características do disléxico que potencializam seus processos criativos em artes visuais? Como a narrativa autobiográfica do processo de criação em Artes Visuais pode contribuir para ampliar novas produções artísticas?

Nessa perspectiva, o estudo utiliza a narrativa autobiográfica como instrumento da pesquisa, sendo essa útil para avaliar a repercussão das experiências de vida, da formação e processo criativo. Na concepção de Reis (2012), a narrativa possui um rico potencial investigativo, criativo e formativo.

Acreditamos que ao pesquisar os aspectos do processo de criação de uma portadora de dislexia, essa pode contribuir mesmo que indiretamente para se pensar na inclusão de disléxicos num ensino de arte.

## CAPITULO 1: INCLUSÃO E DISLEXIA

### 1.1 O que é Inclusão

A inclusão escolar ou inclusão social é a expressão utilizada para definir o processo de ingresso de alunos na escola convencional, independente da sua condição intelectual, cor da pele ou país de origem. Tal processo visa a inserção dos discentes no convívio social escolar com o intuito de expandir o conhecimento e melhorar as condições humanas, dando direito a todas as crianças e adolescentes a uma educação inclusiva que não gere nos mesmos o sentimento de discriminação.

A discussão sobre o processo de inclusão nas escolas de ensino básico e médio no Brasil ainda está em fase inicial. Tal fato faz com que as mudanças ocorram de forma lenta e, para que seja efetivamente aceita por todos, demanda ainda um percurso que requer vontade e estudo.

Percebemos que tal morosidade na implantação de um projeto eficaz para a inclusão social, principalmente, em escolas públicas, na qual pessoas com deficiência física e mental se adaptem na sociedade escolar, se dá muito pela forma com que trabalhamos o tema e sua importância.

Por tal motivo, nosso trabalho abordará de modo mais conceitual o que é inclusão, para então analisar sua importância para os alunos que têm necessidades educacionais especiais nas escolas de educação básica, pois a educação inclusiva significa:

Conjunto de processos educacionais decorrente da execução de políticas articuladas impeditivas de qualquer forma de segregação e de isolamento. Essas políticas buscam alargar o acesso à escola regular, ampliar a participação e assegurar a permanência de todos os alunos nela, independentemente de suas particularidades. Sob o ponto de vista prático, a educação inclusiva garante a qualquer criança o acesso ao Ensino Fundamental, nível de escolaridade obrigatório a todo cidadão brasileiro (CARNEIRO, 2008, p.29).

Nessa perspectiva, a escola precisa de condições adequadas para receber todos os tipos de alunos, para que estes, bem como professores e direção possam trabalhar em conjunto para garantir o nível de qualidade de ensino-aprendizagem almejado. Contudo, pretendemos evidenciar que o processo de inclusão deveria ir

muito além da mera adaptação das instituições convencionais para cumprimento de leis, transcenderem os direitos de apenas alguns poucos privilegiados e abraçar na sua totalidade o direito de uma educação básica de qualidade para todos.

### **1.1.1 A Arte no processo de Inclusão Escolar**

A arte é linguagem não verbal e através dela podemos expressar nossos sentimentos sem palavras a mais de uma pessoa através de um único objeto. O conhecimento que ela nos proporciona através de bagagem cultural muda a forma desses alunos verem o mundo, ou seja, ajuda e contribui muito para entendimento da vida no seu dia a dia.

Nesse mesmo contexto a arte é representação do mundo cultural com significado, imaginação; é interpretação, é conhecimento de mundo; é, também, expressão dos sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa, que se manifesta, que se simboliza. A arte é movimento na dialética da relação homem-mundo (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 21).

Se a arte mantiver um nível mínimo de comunicação entre o aluno e sua vida de modo a fazê-lo mais autônomo, ela já cumpriu em sentido mais amplo o seu papel com esse indivíduo. Aqui se dá a importância da aula de artes para esse aluno incluso na escola convencional. Claro que estamos falando das artes visuais, da música, da dança e do teatro que, como sabemos, são responsáveis por valorizar e exteriorizar muitos sentimentos e emoções que, por diversos motivos, estão presos e adormecidos. São múltiplas sensações, que quanto mais se desenrola e são trabalhadas, maior a probabilidade de os alunos saberem lidar com elas. São muitos os papéis das artes na vida útil da escola.

O estudo da arte desperta o indivíduo para outros saberes, pois é meio dessa investigação que entendemos como se deram as manifestações sociais, culturais e históricas, isto é, como os deferentes povos viveram e divulgaram suas crenças, saudaram seus deuses, interpretaram os fenômenos da natureza e expressaram sentimentos e emoções pessoais, deixando um caminho pronto para os que viriam depois (REIS, 2010, p. 11).

O cunho transformador da arte está na sua simplicidade, enquanto toda e qualquer pessoa pode utilizar dela como referência e recurso para o seu fazer

pedagógico. Qualquer uma de suas práticas seja um simples desenho ou extraordinárias pinturas e esculturas, a sua interpretação está a cargo de quem a lê. Ou seja, se um professor de Língua Portuguesa quiser utilizar a música para exemplificar o conteúdo dado ele não precisa ser diretamente músico ou professor de música para utilizar esse recurso artístico-visual.

Sua intenção não é fazer artistas, mas utilizar a arte como forma de conhecimento e também recurso para a interpretação de mundo. Podendo utilizar dela para recriar situações, enfatizar ou elucidar pontos positivos e negativos do seu dia a dia. Interpretando com singularidade fatos da vida, problemas do cotidiano que em geral, muitas vezes, são complexos.

Arte entra também como mediadora e dialoga com o aluno e com o mundo exterior, construindo junto com ele sua autonomia levando a uma reconfiguração de alguns valores perdidos e marginalizados. Muitas oficinas de artes nas salas de aula colocam todos os alunos igualmente criativos, uma vez que não existe certo ou errado no resultado. Tal fato ajuda na inclusão, pois um aluno canhoto não está errado ao pegar o lápis ou pincel com a mão inversa aos demais, assim como um aluno sem as mãos ou que não pode movimentar as mãos por algum tipo de limitação física pode segurar o material com a boca ou mesmo com os pés.

A personalidade, sendo subjetiva, pode mostrar traços de espontaneidade, mas esta não é tudo para definir a autonomia, porque a limitação física vai estar ali, vai sempre existir em casos extremos, mas aprender a lidar com ela não diminui, mas direciona seus objetivos. Estamos falando aqui efetivamente de caminhos e não de resultados. Desse modo, o resultado não estará no final da tarefa, mas no processo percorrido até se chegar a ela.

### **1.1.2 A Arte Visual como recurso no processo de Inclusão**

E não é diferente no campo do ensino das artes visuais, pois com o número de alunos especiais nas salas de “aula de artes” é necessário mudar e se atualizar para essa nova fase de inclusão escolar.

A aula de artes visuais propicia vários recursos que podem apoiar o aluno no processo de inclusão, visto que se trata de uma boa incentivadora de diálogos, de trabalhos em grupos e de liberdade de expressão. Como, por exemplo, oficinas de modelagem, escultura, pintura, desenho e performances.

A questão do método didático pedagógico também muda conforme a necessidade da turma. O profissional usa estratégias de aula e modifica a didática para obter o mesmo resultado esperado nas demais. Seria a mesma forma com os alunos inclusos, o conteúdo é o mesmo da disciplina arte, mas com a metodologia diferenciada, especializada. A necessidade da arte para a inclusão fica evidente na citação abaixo.

A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e tentar mudar o mundo; ela é magia. A magia da arte está em que, nesse processo de recriação, ela mostra a realidade como passível de ser transformada, dominada (FERREIRA, 2011, p. 14).

Desse modo, a arte possibilita o equilíbrio e autonomia para os alunos envolvidos e intermedia o aprendizado também de outras disciplinas. É bem verdade que os pontos positivos da arte para a educação especial vão muito além da arteterapia<sup>1</sup>.

A educação no país está mudando para melhor. Há muito tempo no Brasil não se ouvia falar de mudanças educacionais, mas agora, cada vez mais, ouve-se falar de interdisciplinaridade, de diversidade étnicas nas escolas e inclusão escolar. A arte pode se tornar uma potente ferramenta para não acontecer a evasão escolar. Ela é uma das responsáveis por proporcionar acesso a diferentes formas de cultura às crianças, adolescentes e adultos, fato que pode levar a uma análise dialética de confronto/comparação entre a cultura deles e aquela que a arte lhes traz. Na hora das atividades não teóricas, as artes visuais propiciam a eles um pouco mais de liberdade de expressão.

Um bom exemplo disso é o que ocorreu na cidade de Boston, capital de Massachusetts-EUA, onde Diretor novato despediu todos os seguranças da escola e contratou mais professores de artes, fato que contribuiu para a diminuição do índice de criminalidade em mais 80% (oitenta por cento).

---

<sup>1</sup>Segundo a Associação Brasileira de Arteterapia, é um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente-profissional. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde mental. Em Arteterapia o próprio artista/paciente/cliente é quem faz a interpretação de suas criações. Cabendo ao arteterapeuta apenas instigar esta investigação. Diferente das terapias tradicionais, que consiste principalmente das projeções que ocorrem entre terapeuta e paciente, em arteterapia existe uma relação triangular: o arteterapeuta, o paciente, e a arte (criada em terapia). (Fonte: <http://www.institutoinclusaobrasil.com.br/arteterapia> - Acesso em 04/06/2017).



Em menos de três anos, o colégio Orchard Gardens, que figurava entre os cinco piores do estado Massachusetts, tornou-se uma das unidades onde houve maior salto de qualidade no aprendizado de alunos. O segredo?

Não há um único jeito de se fazer uma tarefa. E a arte te ajuda a compreender isso. Se você levar isso a sério, o mesmo acontecerá na parte acadêmica e em outras áreas. Eles precisam mais do que um teste preparatório e mais do que simplesmente responder de um jeito uma questão – disse à rede de TV NBC o diretor Andrew Bott, o sexto a gerir a unidade em menos de sete anos. (O GLOBO, 2017).

Na maioria das escolas públicas e municipais faltam material didático e os poucos existentes são muitas vezes maltratados pelos próprios alunos. O mesmo também acontece com o profissional que muitas vezes é desprezado e mal remunerado, assim sobra pouco para a criatividade. Mas se o professor se mostra interessado, por exemplo, na produção de material didático para seu uso em sala de aula seu trabalho se torna mais fácil, o aluno percebe a vontade do docente e pode, desse modo, ter um envolvimento maior na aula.

O professor é mediador, no campo da arte e em todas as áreas do conhecimento. Na escola tradicional<sup>2</sup> o professor era o único detentor do conhecimento. Hoje as coisas mudaram e quanto mais rápido ele percebe e se encaixa nesse padrão de mediador, melhores serão suas aulas, mais criativas e dinâmicas.

Assim, a disciplina Arte deverá garantir que os alunos conheçam e vivenciem aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos em música, artes visuais, desenho, teatro, dança, artes audiovisuais. Para isso é preciso que o professor organize um trabalho consistente, através de atividades artísticas, estéticas e de um programa de Teoria e História da Arte, inter-relacionados com a sociedade em que eles vivem. Entendemos que é possível atingir-se um conhecimento mais amplo e aprofundado da arte, incorporando ações como: ver, ouvir, mover-se, sentir, pensar, descobrir, exprimir, fazer, a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando-os,

---

<sup>2</sup> “Desenvolvida no século XIX a Escola Tradicional caracteriza-se por não permitir o questionamento das autoridades, sendo as decisões inquestionáveis. O gestor é um burocrata autoritário, cuja preocupação fundamental é controlar e aplicar programas e ordens oriundas dos órgãos governamentais. O aluno é um ser passivo e seu papel é receber ordens, normas e recomendações do professor, executar a disciplina, a obediência e o espírito de trabalho. O professor é autoritário e transmite um saber fragmentado, desfocado do contexto, enciclopédico. Preocupa-se com a memorização e repetição dos conteúdos”. (fonte: <http://sirlene58.blogspot.com.br/2010/06/atividade-online-i.html> - Acesso em: 04/06/2017).

refletindo, formando, transformando-os. É com essa abrangência que a arte deve ser apropriada por todos os estudantes, indiscriminadamente (FERRAZ; FUSARI, 2010, p.22)

É bom lembrar da história da arte. Ao longo dos anos, desde os primeiros registros de civilização até os dias atuais é notória a importância da arte como mediadora no processo de educação. Nos tempos dos homens das cavernas ela já era utilizada como forma de expressão linguística para ensinar as próximas gerações como se caça. Por exemplo, ensinava como as manadas se movimentavam e como o homem cerca os animais para emboscá-los. Aqui como forma direta de pensamento linguístico: “a caça se caça assim”.

E por isso que sua inserção no processo de inclusão é de grande valia nos dias atuais. A arte se dá através de conceitos. Algumas produções artísticas utilizam muito a questão conceitual para expor uma ideia. Os egípcios, por exemplo, usavam a arte para entender a morte, a vida e como preservar um legado. Utilizar a arte para transmitir um conceito, um recado ou mesmo uma ideia é muito antiga e funcional. Vem daí o interesse de nossa pesquisa: educar através da arte e valer-se dela como recurso para auxiliar na autonomia de crianças e jovens inclusos nas escolas convencionais. Principalmente nas fases iniciais de formação, a comunicação com crianças se dá, sobretudo, através de imagens e sensações.

Os professores na atualidade têm muitos recursos midiáticos, computadores, filmes e celulares que também podem tornar o processo mais dinâmico. Se o professor é bem-intencionado e atuante, pode aproveitar bastante seu alunado, visto que cada vez mais as crianças e jovens já trazem para as salas de aula conhecimentos culturais próprios.

Uma criança, por exemplo, pode ajudar muito na elaboração das aulas, basta que exploremos o que ele traz de experiência para ampliar o repertório do professor. Se o docente não for mais um mero emissor do conhecimento e aceitar que as coisas agora mudaram, pode haver uma troca fecunda e proveitosa entre os alunos e ele.

Um bom exemplo é a arte que se vê todo dia nas ruas que, se bem explorada, pode render muitas discussões e conhecimentos. Nas grandes cidades a arte que mais se vê não estão nos museus penduradas nas paredes, estão nas ruas. Basta o professor saber utilizar, por exemplo, o percurso que esse aluno fez de casa até a escola para aproveitar em seu dia a dia escolar.

É impossível dissociar a arte da vida, muito menos do campo da educação e educação especial principalmente. E o papel do professor é, entre tantas coisas, estimular sentimentos e ações nunca antes sentidas para que todo o potencial das crianças e jovens venha ser explorado.

Um dos papéis da arte na educação com as crianças e jovens é de ajudar a libertar as potencialidades dos mesmos, mas não apenas no campo das artes, mas em quaisquer âmbitos que despertem interesses nos mesmos. A arte pode auxiliar a trazer à tona aquilo que já está nos jovens. Não dissemos que as aulas de arte irão transformar todos os alunos em artistas, mas o que evidenciamos aqui é a potencialidade que cada ser tem em si de se transformar no que quer ser, independentemente de sua condição e/ou de suas limitações físicas.

Mas, para isso, é necessário que professor e aluno tenham consciência clara de sua condição, para então descobrirem juntos como é possível contribuir para que a necessidade desse aluno venha ser não um problema, mas um diferencial. Algumas questões devem ser levantadas, por exemplo: Para quem será ministrada essa aula, ou seja, qual o público específico? Qual aluno tem necessidade especial ou não? Qual faixa etária? Em que “nível intelectual” está? Como colocar em prática o processo de inclusão?

Com isso, pode enxergar com mais clareza qual o objetivo deste ou daquele exercício, quais os resultados esperados, como e porquê de todas as coisas. Quando falamos em convívio social um simples gesto fala muita coisa quando o recurso físico do indivíduo é limitado.

Outro fator que auxilia também nas salas de arte são as ferramentas adaptadas, por exemplo, para lápis, pincel ou até mesmo teclado, esse tipo de adaptação vai ser acrescentado de acordo com o grau da deficiência e a intenção do professor ou a quantidade também que será utilizada.

Cada criança ou adolescente é único. Com o tempo e a ocorrência das diversidades o processo pedagógico toma uma cara própria e tem que aprender a lidar com a inclusão e com a diversidade recorrente na escola.

Para tornar mais claro e palpável a importância da arte no processo de inclusão escolar, aborda-se mais à frente o modo como ela pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem no caso de dislexia, que é uma das principais causas de evasão escolar.

Mas, primeiro, explicaremos, mesmo que de forma sucinta o que é a dislexia, para, então, evidenciar como a arte pode auxiliar no processo de aprendizagem.

## 1.2 O que é dislexia e suas implicações

A dislexia está diretamente e especificamente relacionada ao processo cognitivo de aprendizagem, o qual se torna mais difícil para o indivíduo disléxico, como vamos evidenciar mais à frente. Notaremos também a forma como essa dificuldade vai influenciar nas relações sociais. Temos nas palavras abaixo, que

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (Definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em 2002. (Definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em 2002 essa também é a definição usada pelo National Institute of Child Health and Human development – NICHD) (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2018).

Ela ainda é considerada um distúrbio genético que, muitas vezes, é passado hereditariamente. Ela não está relacionada à falta de esforço ou de atenção. O cérebro do disléxico é igual ao do não-disléxico, o que ocorre é uma variação na forma como o cérebro processa as informações.

Dislexia não é uma deficiência mental, mas, de certa forma, uma série de combinações diferenciadas do cérebro de perceber as coisas a sua volta. Uma criança disléxica não tem o QI baixo, pois tem todas as faculdades mentais normais. Sua diferença está na forma como o seu cérebro age, funciona e responde aos estímulos externos.

Um disléxico tem dificuldade de ler e escrever. Primeiro se aprende a ler, compreender as palavras, letras, rimas, sons, para depois usar esse recurso para aprender com a leitura, isto é, primeiro devemos ter a parte técnica que corresponde à identificação dos signos (letras e palavras), em seguida temos a cognição dos significados das palavras, para só então termos a interpretação da mensagem contida no texto lido. Como o disléxico tem dificuldade de assimilar os requisitos

primários elencados anteriormente, sua compreensão do todo, que corresponde a sua interpretação textual fica prejudicada.

Sendo assim a pessoa que apresenta essa disfunção nos anos iniciais tem muita dificuldade de leitura, pouco poder de soletração, fato que interfere na sua sociabilidade devido à baixa auto-estima. Trocar letras nas palavras, confundir grafias e fonemas é um de seus sintomas. Vejamos alguns exemplos:

- Trocar letras, principalmente quando elas possuem sons parecidos, como “f” e “v”, “b” e “p”, “d” e “t”;
- Pula ou inverte sílabas nas horas de ler ou escrever;
- Fala prejudicada;
- Não consegue associar letra e sons;
- Confundir palavras que têm sons parecidos, como macarrão e camarão;
- Erros constantes de ortografia;
- Lentidão na leitura;
- Problemas de localização de esquerda e direita;
- Dificuldade para estudar (TENORIO; PINHEIRO, 2018).

Dislexia não tem cura e o diagnóstico precoce facilita nos afazeres do dia a dia educacional e convívio social. O tratamento auxilia, mas não cura, sendo um caminho longo, trabalhoso e os mais prejudicados são os menos favorecidos.

Ela é quase sempre pouco percebida nas famílias de classe mais baixa, visto que seus sintomas começam a ficar mais aparentes nos anos iniciais da vida escolar. Contudo, devido à timidez, característica da maioria das crianças disléxicas, que fica mais notória na escola, principalmente nas públicas que são mais cheias, é mais fácil a dislexia passar despercebida até fase adolescente, onde o índice de evasão escolar é muito alto.

Percebidos os sintomas elencados acima, pela escola ou família, a dislexia tem diagnóstico que deve ser feito por profissionais da área da saúde, como neurologistas, psicólogos e fonoaudiólogos em conjunto com outros profissionais, tais como pedagogos e psicopedagogos. O mesmo é importante para o descarte de outros distúrbios que também podem prejudicar a leitura e o aprendizado, como problemas emocionais, déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

É possível levar uma vida normal após o diagnóstico da dislexia. Como dito anteriormente, não tem cura, mas o suporte profissional especializado desde cedo permite uma qualidade de vida superior. Os disléxicos são conhecidos por serem

bons estrategistas, a criatividade é um traço marcante entre eles, pois a mesma faz-se necessária para que possam lidar com alguns dos muitos entraves do seu cotidiano. A terapia também é importante para diminuir possíveis crises de autoestima, que é uma das severas características desse distúrbio, pois são nessas “estimas” que está o desejo de lutar, continuar a mudar, de construir e de agir.

Segundo a Fundação Brasileira de Dislexia (2009), os sintomas da síndrome na primeira infância são seguintes:

1. Atraso no desenvolvimento motor desde a fase do engatinhar, sentar e andar;
2. Atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbúcio a pronúncia de palavras;
3. Parece difícil para essa criança entender o que está ouvindo;
4. Distúrbios do sono;
5. Enurese noturna;
6. Suscetibilidade a alergias e a infecções;
7. Tendência à hiper ou a hipo-atividade motora;
8. Chora muito e parece inquieta ou agitada com muita frequência;
9. Dificuldades para aprender a andar de triciclo;
10. Dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares (FERREIRA; FERREIRA; ALVES, 2018, p.14).

Ainda segundo a Fundação Brasileira de Dislexia (2009), alguns dos sintomas da Dislexia em crianças a partir dos sete anos de idade são os seguintes:

1. Pode ser extremamente lento ao fazer seus deveres;
2. Ao contrário, seus deveres podem ser feitos rapidamente e com muitos erros;
3. Copia com letra bonita, mas tem pobre compreensão do texto ou não lê o que escreve;
4. A fluência em leitura é inadequada para a idade;
5. Inventar, acrescentar ou omitir palavras ao ler e ao escrever;
6. Só faz leitura silenciosa;
7. Ao contrário, só entende o que lê, quando lê em voz alta para poder ouvir o som da palavra;
8. Sua letra pode ser mal grafada e, até, ininteligível; pode borrar ou ligar as palavras entre si;
9. Pode omitir, acrescentar, trocar ou inverter a ordem e direção de letras e sílabas;
10. Esquece aquilo que aprendera muito bem, em poucas horas, dias ou semanas;
11. É mais fácil, ou só é capaz de bem transmitir o que sabe através de exames orais;
12. Ao contrário, pode ser mais fácil escrever o que sabe do que falar aquilo que sabe;
13. Tem grande imaginação e criatividade;
14. Desliga-se facilmente, entrando "no mundo da lua";

15. Tem dor de barriga na hora de ir para a escola e pode ter febre alta em dias de prova;
16. Porque se liga em tudo, não consegue concentrar a atenção em um só estímulo;
17. Baixa auto-imagem e auto-estima; não gosta de ir para a escola;
18. Esquiva-se de ler, especialmente em voz alta;
19. Perde-se facilmente no espaço e no tempo; sempre perde e esquece seus pertences;
20. Tem mudanças bruscas de humor;
21. É impulsivo e interrompe os demais para falar;
22. Não consegue falar se outra pessoa estiver falando ao mesmo tempo em que ele fala;
23. É muito tímido e desligado; sob pressão, pode falar o oposto do que desejaria;
24. Tem dificuldades visuais, embora um exame não revele problemas com seus olhos;
25. Embora alguns sejam atletas, outros mal conseguem chutar, jogar ou apanhar uma bola;
26. Confunde direita e esquerda, em cima - em baixo; na frente-atrás;
27. É comum apresentar lateralidade cruzada; muitos são canhestros e outros ambidestros;
28. Dificuldade para ler as horas, para sequencias como dia, mês e estação do ano;
29. Dificuldade em aritmética básica e/ou em matemática mais avançada;
30. Depende do uso dos dedos para contar, de truques e objetos para calcular;
31. Sabe contar, mas tem dificuldades em contar objetos e lidar com dinheiro;
32. É capaz de cálculos aritméticos, mas não resolve problemas matemáticos ou algébricos;
33. Embora resolva cálculo algébrico mentalmente, não elabora cálculo aritmético;
34. Tem excelente memória de longo prazo, lembrando experiências, filmes, lugares e faces;
35. Boa memória longa, mas pobre memória imediata, curta e de médio prazo;
36. Pode ter pobre memória visual, mas excelente memória e acuidade auditivas;
37. Pensa através de imagem e sentimento, não com o som de palavras;
38. É extremamente desordenado, seus cadernos e livros são borrados e amassados;
39. Não tem atraso e dificuldades suficientes para que seja percebido e ajudado na escola;
40. Pode estar sempre brincando, tentando ser aceito nem que seja como "palhaço";
41. Frustra-se facilmente com a escola, com a leitura, com a matemática, com a escrita;
42. Tem pré-disposição à alergias e à doenças infecciosas;
43. Tolerância muito alta ou muito baixa à dor;
44. Forte senso de justiça;

45. Muito sensível e emocional, busca sempre a perfeição que lhe é difícil atingir;
46. Dificuldades para andar de bicicleta, para abotoar, para amarrar o cordão dos sapatos;
47. Manter o equilíbrio e exercícios físicos são extremamente difíceis para muitos disléxicos;
48. Com muito barulho, o disléxico se sente confuso, desliga e age como se estivesse distraído;
49. Sua escrita pode ser extremamente lenta, laboriosa, ilegível, sem domínio do espaço na página;
50. Cerca de 80% dos disléxicos têm dificuldades em soletração e em leitura (FERREIRA; FERREIRA; ALVES, 2018, p.16-17).

Analisaremos um pouco mais detalhadamente alguns itens da lista para melhor compreender como o mundo dos disléxicos funciona e, principalmente, a forma como atua no campo da arte, com ênfase na minha posição particular de aluna de arte e portadora de dislexia.

No item 10 da lista acima, “esquece aquilo que aprendera muito bem, em poucas horas, dias ou semanas”, mostra que a dificuldade está no fato de que se uma coisa que foi muito difícil de aprender e em pouco tempo esquecida com facilidade é porque requer um segundo aprendizado. Na verdade, torna claro que as informações não foram assimiladas, fato que torna impossível a formulação da interpretação e, conseqüentemente, do conhecimento. Se não houve o aprendizado da primeira vez é porque nunca aconteceu.

Para o disléxico o processo de aprendizagem é mais visual, visto que o mesmo começa a entender a realidade por meio de imagens, as quais têm sentido cognitivo. Então, associar uma letra ou palavra a uma imagem facilita o processo de assimilação do significado. A percepção da imagem que a palavra escrita transmite tem mais valor do que a leitura da mesma, enquanto conceito. Em outros termos, o disléxico associa a imagem da palavra a um objeto de forma direta. Não pensa no conceito que a mesma tem em si, para depois estabelecer um vínculo com um objeto.

A dificuldade se dá tanto na recordação da palavra escrita, quanto na memorização literal. Então, entra o que chamaremos de recurso de mídia cerebral, como se fosse um gravador de lembranças ou imagens que registra em tempo real o que foi visto, para depois armazenar numa espécie de gaveta mais profunda que só poderá ser acessada quando as primeiras gavetas estiverem cheias. Identificamos aqui uma relação com o item 35, “boa memória longa, mas pobre memória imediata,



curta e de médio prazo”. Para acessar as lembranças e informações antigas é necessário ter novas experiências que vão gerar novas informações, memórias que propiciarão o acesso às antigas que constituem o conhecimento sólido.

O dislético deve estar em constante estudo, aprendizado e produção para sedimentar as informações e conhecimentos obtidos e formados anteriormente. Tal fato se dá porque é preciso produzir novas experiências para solidificar as antigas, ou seja, é preciso encher “as primeiras gavetas” (memória recente) sempre, para estar constantemente acessando a “gaveta mais profunda” (memória longa) que constitui o conhecimento do dislético.

No item 37, “pensa através de imagem e sentimento, não com o som de palavras”, podemos notar em que aspecto a dislexia se alinha ao mundo das artes, qual seja: o modo como a percepção sensorial imagética e sentimental produz no dislético uma percepção subjetiva de mundo. Dito de outra forma, o dislético tem maior facilidade de ter uma percepção artística da realidade que o cerca, visto ter uma propensão maior a pensar a partir das emoções e percepções imagéticas, enquanto outros pensam de forma mais objetiva tal realidade.

Existe uma linha tênue entre a percepção do dislético sobre tudo no mundo exterior e a visão de um artista sobre este mesmo mundo. Para formar tudo que se diz elemento na arte, tendo forma ou não, sentimentos ou sensações, imaginação ou criação, útil ou alegórica, é necessária uma sensibilidade na percepção de mundo, característica intrínseca ao dislético e ao artista. As artes são geradas e falam sem palavras, ponto onde se encontra com o ato criativo próprio das pessoas com dislexia.

Enfim, como a dislexia não tem cura, o portador tem que fazer muitas adaptações mentais para driblar alguns entraves cognitivos, seja acadêmico ou cotidiano. E as artes podem ser um meio eficaz para conseguir efetivar o processo de aprendizado e facilitar a cognição de mundo do indivíduo.

Poderemos identificar o exposto com mais clareza na minha produção de arte, da qual trataremos no capítulo 3 deste trabalho. Essa tentativa de transformar um problema, como é esse distúrbio, em algum tipo de vantagem na minha vida acadêmica, onde tento resgatar com maior vigor as lembranças e aprendizados a muitos adormecidos para transformá-los em algo bom e de relevância significativa para mim e para quem aprecia minha produção.

## CAPÍTULO 2: PROCESSO DE CRIAÇÃO

Com o intuito de expor de forma mais clara nosso objetivo específico, consideramos importante expor o referencial teórico com o qual mais nos identificamos no que concerne ao processo de criação.

São muitos os caminhos possíveis para percorrer até chegar a uma obra concluída, seja ela de renome ou um projeto simples. Todo trabalho artístico tem seu tempo, suas dificuldades, sua jornada, ou seja, há um preço a pagar até a finalização do mesmo. Adotar um referencial teórico que norteie o processo de execução pode facilitar e dar uma linearidade à produção artística. No meu caso, a produção veio primeiro, mas nos estudos de metodologia, didática geral e estágio de ensino tive contato com os textos propostos pelos meus professores que tratam do modo como o processo de produção acontece. Então percebi, mesmo considerando que não fazia isso, que me enquadrava em um desses modos de processo de produção.

Cecília Almeida Salles<sup>3</sup>, em sua obra “Gesto Inacabado: processo de produção artística” faz uma análise interessante sobre o processo criador contribuindo para a criação, no qual esta é entendida como um processo estético do movimento criador. Em outros termos, o processo de criação é entendido como parte da obra final, sendo ele tão importante, ou até mais relevante, quanto este.

### 2.1 Vestígios, traços e rastros no processo de criação

“Gesto Inacabado: processo de produção artística” pretende mais do que ser um simples relato de pesquisa, busca uma possibilidade de se olhar para os fenômenos em uma perspectiva de que o processo é tão pertinente quanto à obra.

Todo o percurso, a trajetória, os rabiscos, as horas de diários de escrita e dedicação, as pesquisas, enfim, tudo isso é arte e faz parte da obra. Se não fosse desse modo, não teríamos a história da arte como obra prima, como valiosas

---

<sup>3</sup> Cecília Almeida Salles tem graduação em Língua e literatura inglesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1976), mestrado em Linguística Aplicada e Estudos de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981) e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990). Atualmente é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É coordenadora do Centro de Estudos de Crítica Genética.

tentativas de se chegar a um único propósito: tornar raro e único o percurso histórico do tempo cronológico, o qual tem seu valor enquanto passagem. Um contador de história detalhista que, por exemplo, torna uma caminhada até ao mercado um evento significativo, é um artista que dá vida ao cotidiano.

Os documentos históricos, os registros, constituem em si uma obra, até mesmo porque podem nunca terem sido efetivados. Os diários escritos de um artista já podem ser considerados uma obra, os croquis, os projetos, a intencionalidade que ficou no papel e não se materializaram objetivamente podem ser arte. O estudo sobre a vida e o modo como produziam, expressavam uma realidade objetiva a partir de sua visão subjetiva da mesma pode ser considerada arte. É isso que o livro de Cecília Salles discute: de vestígios, traços, rastros, que são os elementos com os quais me identifico e que me agradam.

É muito comum a ideia e/ou pensamento documentado não ser um registro elaborado segundo critérios rígidos de normas preestabelecidas, mas um rascunho feito no jornal ou guardanapo. E o interessante é que este já constitui uma espécie documento ou registro que foi feito para uma finalidade, qual seja: não se esquecer de uma ideia que a acaba de surgir ou mesmo uma forma de criação de uma imagem. Estes registros informais no final da obra concluída acabam contando um pouquinho do processo até a obra final e, por tal motivo, podem ser considerados parte da mesma. Caso a obra final não seja concluída, os registros podem constituir uma obra em si mesma.

Cada artista tem seu próprio jeito de fazer as coisas, não há regras. Cada qual tem sua maneira, seu estilo e seu tempo. O tempo de cada obra começa a partir do momento em que se deseja criar algo, mesmo que você ainda não tenha nomeado e nem colocado nada em prática no papel, ainda que esteja no campo das ideias enquanto pensamento, desejo, vontade. Não existe um tempo específico para cada criação, mas um tempo de maturação para cada tipo de trabalho sim. Um projeto vai de uma semana a um ano e a construção, aqui no sentido de ação ou pôr em prática, da obra em si pode durar um dia, uma hora ou nove anos, dependendo ainda somente do seu criador.

Com relação aos rastros temos:

Esse trabalho de estabelecer relações entre índices de uma história e adotar o sentido de mudança, na busca pela compreensão do todo, é o mesmo manuseio de rastros feitos pelo arqueólogo, o geólogo e

o historiador. No estabelecimento de conexões entre as diversas camadas da história da gênese, conhecemos um processo marcado pela estabilidade precária de formas. Pois o ato criador se realiza na ação (SALLES, 1998, p. 20).

Percebemos na citação acima que Cecilia Salles estabelece uma ligação entre todos os processos de criação, que é influenciado pelo meio histórico-político-social e cultural vivenciado pelo artista, e a obra concluída. Em outros termos, é possível identificar rastros de todos esses elementos na obra concretizada pelo artista, visto serem estes fruto desse processo e parte dele.

A obra de arte tem vários significados, pois é uma forma de expressão de sentimentos, de cultura e de vários outros fatores. É também um conjunto de ideias e formas que cada indivíduo alcança em seus resultados na obra finalizada e individual. Pode ser compartilhada, dividida e ensinada com outros, mais não existe uma regra para que se chegue o conceito finalizado. Mesmo que alguém aprenda o método utilizado por um artista com perfeição e siga cada etapa rigorosamente, nunca chegará ao mesmo resultado, pois querendo ou não, a obra final terá algo próprio que a tornará única. O processo não é uma ciência exata que ao utilizar o mesmo método atingirá um resultado idêntico.

A ação é o último estágio do registro final. Caso o resultado coincidir com o esperado inicialmente nos registros, se efetivamente for um conjunto desse emaranhado de ideias, pensamentos e ações, pode-se dizer que a obra teve seu começo meio e fim antes mesmo de ficar pronta. É importante ressaltar que, caso o produto final não corresponda ao registro inicial, a obra não perde sua relevância, mas apenas mostra que todo o estágio prévio a ação e, conseqüentemente, a obra materializada já constitui algo que em si é arte.

Contudo, uma obra de arte não é só feita do que se registra antes e dos apanhados que se faz no dia a dia para que se chegue ao produto pronto, pois toda a história de vida desse artista tem seu peso próprio na obra, tem um grau de identidade que os diferencia dos demais artistas. Acredito que o que faz essa ou aquela obra de arte ter maior valor no mercado ou para a história da arte é, antes de tudo, a bagagem cultural desse artista que será expressa na obra independente de ser intencional ou pura espontaneidade. Mesmo que a obra não tenha sido planejada, o resultado final vai trazer traços do cotidiano, dos valores, dos

sentimentos, do contexto social que constituem o próprio artista. Sua obra não está desvinculada dele.

É comum a arte ser considerada sempre a partir da obra pronta. Identifica-se e rotula-se um artista como sendo de um determinado movimento artístico a partir de suas obras acabadas. Muitas vezes ele mesmo nunca se determinou como parte de tal movimento. É como julgar uma pessoa como imoral por uma ação específica e não pelo todo que a compõe desde o início da vida. Às vezes realizou apenas uma ação imoral, fato que não a tornaria uma pessoa imoral.

Nas palavras de Cecília Salles, é importante analisar a arte como “[...] uma possibilidade de se olhar para os fenômenos em uma perspectiva do processo” (SALLES, 1998, p. 23), ou seja, não é uma questão apenas de observar o objeto de forma rígida e atribuir a ele a interpretação do espectador. Este deve analisar a obra levando em conta o processo que levou a efetivação da mesma, visto ser ele parte da obra em si.

Fato que evidencia o que foi dito é quando uma pessoa leiga, que não conhece os elementos que constituem o processo, observa uma obra enquanto imagem pura a partir de seu referencial cultural-ideológico e não gosta devido à interpretação que deu a ela. O conhecimento prévio do processo auxilia a compreensão do produto final e, conseqüentemente, dá ao espectador maiores condições de identificar a intencionalidade do artista. A obra foi feita em um contexto político-social e cultural do qual não pode ser desvinculada, pois o artista vai expressar esses fatores direta ou indiretamente na obra a partir de sua vivência dos mesmos.

O artista é atraído pelo propósito de natureza geral e move-se inevitavelmente em sua direção. A tendência é indefinida, mas o artista é fiel a essa vagueza. O trabalho caminha para um maior discernimento daquilo que se quer elaborar. A tendência não apresenta já em si a solução concreta para o problema, mas indica o rumo. O processo é a explicação dessa tendência. [...] a tendência mostra-se como um condutor maleável, ou seja, uma nebulosa que age como bússola. Esse movimento dialético entre rumo e vagueza é que gera trabalho e move o ato criador (SALLES, 1998, p. 29).

É impossível diluir a ponte entre o processo e a obra. Não é possível ser tão pura que não tenha mais rastros do artista, pois a maior influência da obra é seu criador. A criação, por mais distante que esteja dos croquis, dos rascunhos das

anotações sobre os fenômenos que envolvem a ação, vai ser sempre a extensão do artista.

A obra tem uma conexão com seu criador e sua realidade. Ela dialoga com ele assim como com o espectador, mas claro que não da mesma forma. Há uma cumplicidade, um jogo de olhar, mesmo que o espectador faça conexões com sua própria vida ou situação atual, a obra está conectada ao artista.

Quando é exposta, a obra se torna pública e fica à mercê de muitas interpretações e críticas, das quais várias não virão de encontro com os anseios do artista. Mas é importante que ele saiba que o papel da crítica exerce várias funções, pois pode abaixar estima da obra ou elevar seu *status*. Só o fato de ter alguma relevância crítica no mundo cultural já é uma posição de destaque.

Muitos críticos e criadores discutem a questão de que não há criação sem tradição: uma obra não pode viver nos séculos futuros se não se nutrir dos séculos passados. Nenhum artista, de nenhuma arte, tem seu significado completo sozinho. Assim como o projeto individual de cada artista insere-se na tradição, é, também, depende do momento de uma obra no percurso da criação daquele artista específico: uma obra em relação a todas as outras já por ele feitas e aquelas por fazer (SALLES, 1998, p. 42-43).

Cada obra é em si uma história contada do jeito que o artista a criou. Ele não se fez sozinho, teve algum tipo de influência, pois mesmo não tendo estudo acadêmico ele é fruto do seu meio e é um participante da história da sociedade que está inserido, seja em uma posição privilegiada na sociedade ou marginalizado por ela. Por isso a sua obra não é fruto independente da sua vontade, sem algum tipo de influência da história. Não podemos esquecer que sempre se quer alguma coisa, quando se cria uma obra de arte, tem sempre uma intenção por trás de cada ato.

### **CAPÍTULO 3: PROCESSO DE CRIAÇÃO: UMA HISTÓRIA AUTOBIOGRÁFICA**

Para um disléxico o papel das etapas é de fundamental importância. Fazer um projeto e seguir um plano é bom e faz diferença no resultado. No meu caso, os rastros que antecedem o processo, toda a narrativa que se dá antes do produto final é um pedacinho, são os ingredientes, que vão gerar e alimentar o todo. A montagem é como se fosse um quebra-cabeça em que as peças são organizadas na medida em que a necessidade de construção vai aparecendo. Devido a minha memória curta, muitos dos rabiscos, documentos, estratégias e planos são importantes, pois a documentação é uma relevante estratégia sendo um meio para um fim.

Muito na arte acontece porque sem palavras podemos expressar o que sentimos e o que vivemos de forma imaginativa, representados em trabalhos ou em desenhos simples, explicados em objetos e imagens. Estamos, através da arte, livres de amarras mentais (termo usado para os disléxicos sobre as barreiras encontradas na vida cotidiana), entaves que nos força a desviar de caminhos que queremos passar.

No que diz respeito aos meus trabalhos de arte, na maioria dos casos, o pensar no ato antes da criação é essencial. Tanto no texto, quanto na forma como se vê no meu trabalho criativo, quais os caminhos que me levaram até aquele momento por que isso ou aquilo é importante.

Como posso descartar uma ou outra ideia que muitas vezes foi difícil de obter, a qual pode se tornar o propósito da existência do objeto (quadros, esculturas, etc.). Mesmo que o observador nunca venha a necessitar desses detalhes para a contemplação do objeto, os caminhos percorridos pelo artista, a forma como foi necessária para captação daquelas ideias, como quase um cientista nos mínimos detalhes parecem não serem relevantes para quem recebe o produto final, porém, a narrativa desses elementos processuais completa o sentido da narrativa poética.

Um motivo que sempre faz uma pessoa voltar pelos caminhos já percorridos é tentar dar sentido a elas, sejam em materiais, gráficos ou ideias alegóricas furtivas, como as memórias ou sonhos. Um jeito simples de pensar, mas compensatório e, no meu caso, quase que justificador é quando percebo muito das minhas experiências vividas na minha produção.

A memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis, seja internamente, no cérebro, seja externamente, em dispositivos artificiais. Também é o armazenamento de informações e fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas.

Ela consiste em um campo vasto e cheio de informações pessoais e, na maioria das vezes, única. Cada pessoa sente o mundo de uma maneira e a forma com a qual esses sentidos são dados às coisas da vida viram memórias é particular, peculiar para cada indivíduo.

Na minha produção isso é percebido de forma latente. Tento, sempre que posso, usufruir desse recurso para maioria dos meus quadros e painéis de cerâmica, juntamente com as cenas da cidade que vejo e que me remetem a algo do passado que por muitos motivos me comovem. As paisagens, geralmente urbanas, que vão surgindo vêm sempre de encontro a minha necessidade narrativa. Muitas delas representadas pela localização das formas e elementos bem identificados, que julgo necessária para a força do objeto, tela ou painel.

Assim vou contando minha passagem no mundo através das narrativas visuais. É um trabalho ainda em construção devido às muitas experiências que tive na infância, na adolescência e agora na vida adulta. Ainda estão em construção porque no futuro abordarei a memória do que agora é presente real. O processo é dinâmico, pois as experiências de vida nunca cessaram e, com isso, a construção da memória é abastecida de informações que me conduzirão a resgatar as memórias mais antigas. Como falamos no primeiro capítulo, encher as “primeiras gavetas” para acessar as “gavetas mais profundas”.

Minha produção retrata muito do meu passado e pouco do meu presente. É como se elas fossem um registro, quase que um diário, da minha história, mas sempre contada de forma póstuma.

A viagem para dentro de mim também aparece nas cores. Acredito que é importante que todo o processo de construção tenha cores, bem como na obra final. Do esboço até a execução total são acrescentados elementos de cores bem vivas. O azul, mais especificamente, é um elemento pictórico que para mim colabora muito com a narrativa. Fazendo uma leitura de imagem rápida, o azul é em muitos momentos a cor predominante no céu que aparecem nas paisagens dos meus quadros e painéis, representando de fato nas passagens a temporalidade representada, ou seja, dia ou noite nas cenas.



### 3.1 Memória, rastros e vestígios no meu processo de criação

Quando começo algum projeto novo, normalmente não acontece do nada. Tem sempre um gatilho, digamos assim, que faz com que isso aconteça. Um exemplo que às vezes acontece é quando eu estou em um lugar e sinto que aquele lugar ou objeto me toca, vai de encontro aos meus sentimentos de alguma forma e esse sentimento que tenho frente ao objeto são fortes. Posso sentir que já passei por ali antes, que tenho a sensação que minha vida já passou por ali, como se fosse uma lembrança, uma memória. Isso me inspira, seja um poste com seus fios emaranhados, uma casa que lembra muito a casa que morei na infância, uma rua de terra, um carro velho ou mesmo flores em um jardim ou quando vejo objetos em ambientes fechados, uma foto de uma cena do cotidiano. No mais extremo um cheiro que me leve direto ao passado, nas lembranças do bolo da vovó, das brincadeiras de dança das cadeiras no quintal, enfim, momentos da minha história que tiveram relevância para mim. Aí nasce o desejo de criar algo, de fazer alguma coisa com esses sentimentos, essas emoções, não deixar simplesmente que elas escapem ou passem sem que possa fazer alguma coisa com elas.

Começando com uma ideia simples, depois vai crescendo à medida que vai amadurecendo e fazendo sentido para mim. Então passa para um estado de urgência tenho pressa de acabar e dar vida, de ver pronto, de nascer como se não fosse vivo e buscasse dar a ele vida própria. Quando começo a pôr a ideia no papel sinto que já o tinha visto antes, o reconhecimento de trabalhos e desenhos anteriores, mas agora em outro estágio, como se fosse uma fase nova, uma página nova saiu da ideia e pulou para ação, é palpável e real tem, cor, peso e forma, mudou de etapa e passou a ter função.

Narra os próprios caminhos e os meus caminhos como se fosse um diário visual de imagem, um pensamento por imagens. Acho que agora já é um produto e não apenas uma ideia, uma lembrança, uma memória, mesmo que ainda não tenha sido materializado. Aí entra em linha de produção, mas será que se sustenta sozinho? Tem peso próprio? Não precisa de apoio? Base? E companheiros? É filho único? Ou é necessário que se tenha mais pares complementares, até virar uma série? Depois de respondida todas essas perguntas, que eu mesmo crio, considero o objeto com algo existente.

Quase sempre sigo o projeto original, pois acredito muito no esboço, nos rabiscos, no canto das folhas, nas agendas, quase que um croqui que me norteia e me mostra os pontos do meu olhar, de fuga, o equilíbrio de cada figura, as formas que combinam e que se arranjam, a trajetória da linha, linhas curvas, retas ou disforme, vazias ou cheias, opacas. Dependendo de como a linha aparenta posso ver como eu estava me sentindo naquele momento que desenhei. Isso tem tudo a ver com o produto final e com o projeto, porque isso tudo sou eu, é um pouco de mim nas folhas e nos cantos. Quando desenho significa uma necessidade, um modo de não esquecer que aquele “fio de criação” apareceu e é um modo de amarrar a ideia para não se perder em meio a tantos pensamentos ou ocupações do dia a dia.

E esses rabiscos, mesmo que bem simples ou pequenos, expressam de alguma forma meu sentimento, minhas vontades, meus desejos, minha inquietude, aquela primeira ideia é uma coisa pensada ou lembrada que pode vir a ser um belo projeto, uma boa ideia e por isso é importante desenhar, rabiscar rápido em qualquer lugar que esteja à mão.

Geralmente a produção segue uma técnica, passa pelo desenho no papel branco, tiro fotos ou numero nos cantos das páginas, para saber se ainda está como imaginei, para eu ter uma linha de tempo. Depois uso os lápis de cor para ver como a cor vai influenciar no resultado final. As cores dos esboços também são importantes para mim, me ajudam a ver com mais clareza o que eu quero ou mesmo como ele se comporta na força, no sentido de objetivo do desenho. Depois de visto os desenhos coloridos e imaginados na tela branca, começo a desenhar na própria tela em tamanho natural, real para mim é a forma como produto final vai aparecer, se apresentar. Em seguida começo a pintar cores puras direto na tela à medida que vou pintando vou me distanciando do que antes era só um desejo, uma vontade e passa ser uma coisa própria nascendo, sendo revelada.

Na medida em que vai finalizando sempre identifico alguns elementos e imagens que são decorrentes como as casas, as igrejas, os telhados, as cadeiras, as pessoas. Creio que juntando todos forma uma linha própria de produção, uma singularidade que tem “vida própria”, que culmina em paisagens urbanas, cenas do cotidiano, ruas e estradas da cidade que passei, que recordei e que criei também. Mas com certeza os prédios são os mais fortes em todos eles, quando começo a desenhar lá estão eles vivos, enfileirados e aglomerados.

Isso não é diferente na cerâmica. A forma que sempre escolho trabalhar com a argila é a mesma. A diferença é que a cerâmica não é papel ou lonita. Ela não está no plano bidimensional, pois é uma massa com volume próprio. Porém, muito plástica, aceita ser manuseada e manipulada a critério do artista. É possível obter muitas formas na argila com resultados de excelente qualidade, mas que requer alguns cuidados devido à sua força bruta e vital. Como material orgânico ela tem seu tempo, depende de alguns dias de descanso, assim como no meu caso para que minhas placas sejam mais dóceis só consigo desenhar nelas depois de alguns dias de descanso do material, onde a água do barro é evaporada e ela cria uma consistência bem parecida com a do chocolate. Aí, com os materiais certos, ela está pronta para os desenhos serem entalhados.

Os entalhes são simples, de profundidade aproximada de um sentimento, que parece com relevo em madeiras. Não é estranho que uso as mesmas ferramentas que são usadas para entalhar a madeira. Esse recurso facilita a construção da minha ideia. Os desenhos como não são linhas, são desenhados em espaço negativo. A contra-forma é que faz a forma e quando pintado são melhor identificados.

Eu me vejo em cada trabalho tão transparente que chego a pensar em não expor. Temo ser vista em excesso e ser julgada, exposta, pois de fato falo sem palavras de mim nas imagens, falo de sentimentos, angústias, sonhos como se aquilo tudo fosse um grande diário aberto, uma grande exposição de mim, um grito forte. Mas não posso escondê-los. Quando termino um projeto, quando chego a concluir não é mais meu, é do mundo. É filho criado, nascido, é mais uma página e não tem volta, assume uma identidade é força que não me pertence não, posso mais domá-lo.

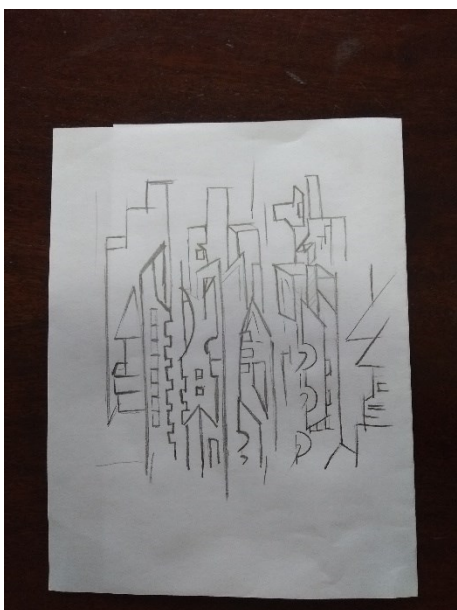
Minha produção tem relação direta com a minha vida. É o que eu tenho dentro de mim que é exposto, tirado para fora. Sinto que todos podem ver meus erros nas telas, nos painéis, minhas falhas, que antes, eram segredos, pois só eu os conhecia. É tudo tão puro e verdadeiro, tão transparente que sempre acho que não devo continuar mais e que sempre vai ser o último. Mas quando percebo lá estou outra vez, projetando o outro desenho, a outra página.

O estranho de tudo isso é que passei a metade a minha infância e adolescência, devido à dislexia, querendo me esconder. Sempre ser a última a escrever, a dar a minha opinião e agora com os projetos, falo, crio coisas que são

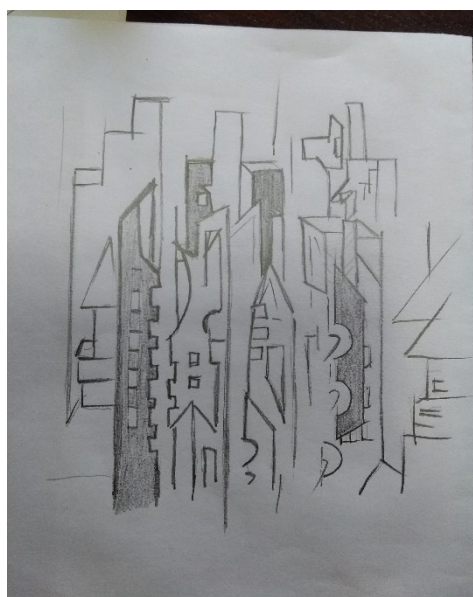
tiradas de mim. Isso que é o bonito na arte: a chance que ela nos proporciona para te libertar, para te inspirar, para não ter mais medo. Chamo os amigos e quem mais quiser comparecer e as apresento, exibo com força e orgulho como se isso fosse libertador, como de fato é, e é também lindo e ao mesmo tempo aterrorizante, é poético, é arte.

### 3.1.1 Projeto para pintura em tela

Neste momento pretendo demonstrar na prática como, normalmente, acontece meu processo de criação e produção. Para tanto vou ilustrar, com alguns fragmentos de imagens que documentei, como se deu na prática as fases do processo de dois trabalhos meus.



**Figura 01** – Primeiro esboço da pintura (lápiz em papel sulfite), 2004. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 02** – Segundo esboço da pintura (lápiz em papel sulfite), 2004. **Fonte:** arquivo pessoal.

Temos na figura 01 e 02 a ideia de um desejo sendo projetado no papel. É um desenho feito de forma rápida, com grafite preto em folha branca, onde uma ideia pode ser registrada, em qualquer papel, guardanapo ou mesmo um caderno de anotações, como referido anteriormente no tópico 2.1 do capítulo 2.



**Figura 03** – Do papel para a tela, 2004.  
Fonte: arquivo pessoal.



**Figura 04** – s/t (tinta sobre tela), 2004. Fonte: arquivo pessoal.

Na figura 03 temos um pouco mais de elaboração do projeto, na qual podemos notar em detalhe no canto esquerdo inferior, da fotografia registrada, em cima da mesa, um croqui com cores reais da intenção do artista, eu.

Já na figura 04 podemos notar na tela as evidências das cores com mais amplitude e mais força. O trabalho já está se concretizando, com uma maior finalização da intenção, do desejo.



**Figura 05** – s/t (pintura sobre tela), 2004.  
Fonte: arquivo pessoal.

Notamos na figura 05 o registro fotográfico da imagem, aonde, na pintura, a percepção do artista vem de encontro com seus desejos. Sua materialidade é necessária para o mesmo.

### 3.1.2 Projeto para painéis de cerâmica

Para um projeto de cerâmica, assim como em tela, é importante para eu seguir um roteiro de execução. A maneira que encontro para criar tal roteiro e prender minhas ideias é praticamente as mesmas. Primeiro, eu desenho e depois acrescento a cor.

Contudo, na cerâmica, depois desses dois primeiros passos, que não necessariamente seja apenas dois desenhos, modelo a argila de acordo com o projeto para teste de tempo e de secagem e tempo de queima. O restante do processo foi descrito na análise das imagens abaixo.

#### Projeto: “Conglomerados”

Temos, nas figuras 06, 07 e 08, que estas provas de testes já constituem a ideia total de dois elementos, em tamanho reduzido, da série de três painéis, sendo que cada um é composto por 9 placas de cerâmica, intitulada “Conglomerados”.



**Figura 06** – Prova de teste de cores já queimada 1ª vez. 12,5X18,5 cm e 1cm de espessura. 2013. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 07** – Prova de teste de cores já queimada em definitivo. Aproximadamente 13X16 cm e 1cm de espessura. 2013. **Fonte:** arquivo pessoal.

Abaixo, nas figuras 08, 09 e 10 temos a poética visual concluída. Agora o trabalho tem nome, peso e forma definidos. São muitos os caminhos para chegar à obra concluída e a satisfação de vê-lo pronto é maior ainda.



**Figura 08** – São 9 placas de cerâmica de 13X15 cm e 2 cm de espessura. O painel inteiro tem 45X56 cm e 4 cm de espessura. 2013. **Fonte:** arquivo pessoal



**Figura 09** – São 9 placas de cerâmica de 13X15 cm e 2 cm de espessura. O painel inteiro tem 45X56 cm e 4 cm de espessura. 2013. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 10** – São 9 placas de cerâmica de 13X15 cm e 2 cm de espessura. O painel inteiro tem 45X56 cm e 4 cm de espessura. 2013. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 11** – Exposição “Terra, água e fogo” ocorrida na Galeria de Arte do Espaço Cultural do Mercado Municipal, 2013/14. **Fonte:** arquivo pessoal

Na figura 11 é o conjunto da obra exposto na Mostra do Ateliê de Cerâmica do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, intitulada “De Terra, Água e Fogo, sob a curadoria da Prof. Dra. Maria José Carvalho. A mostra ficou aberta à visita de 17/12/2013 a 17/12/2014 na Galeria de Arte do Espaço Cultural do Mercado Municipal de Uberlândia.

## Projeto: “Narrativa autobiográfica”

A seguir temos o processo de produção de outro trabalho composto por uma série de 8 painéis individuais.



**Figura 12** – Provas de teste (desenho esculpido na cerâmica) 2014. **Fonte:** arquivo pessoal



**Figura 13** – Prova de teste. 17X19 cm e 2cm de espessura, 2014. **Fonte:** arquivo pessoal

Nas figuras 12 e 13, a cerâmica começa a ser esculpida e está agora em fase de prova de desenho do artista, onde posso ver como ficará o desenho depois de entalhados na argila.



**Figura 14** – Amostragem de cores, 2014. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 15** – Teste de cores na prática no material, 2004. **Fonte:** arquivo pessoal.



Na figura 14, temos o teste de amostragem de cores já queimadas para verificação da tinta esmalte. Já na figura 15, a cerâmica está na fase de prova, onde posso observar com clareza a cor esperada.



**Figura 16** – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 17** – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 18** – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 19** – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014. **Fonte:** arquivo pessoal.



**Figura 20** – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014. Fonte: arquivo pessoal.



**Figura 21** – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014. Fonte: arquivo pessoal.



**Figura 22** – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014. Fonte: arquivo pessoal.



**Figura 23** – Placa de cerâmica de 17X19 cm e 2 cm de espessura. Painel de MDF de 29X40 cm e 3 cm de espessura. 2014. Fonte: arquivo pessoal.

Busco, através de “Narrativas Autobiográficas”, contar um pouco de minha infância e adolescência na tentativa de revivê-las por meio de placas de cerâmica. Registrar as memórias e lembranças de lugares que vivi e sensações que tive.

É um material que me permite representar essas características de minhas lembranças. A cerâmica contribuiu muito com meu trabalho em poética narrativa. O desenho foi esculpido em placas de cerâmica, a coloração feita em cerâmica cozida e esmaltada, para, então, ser fixada em suporte branco de madeira.

Sou muito de tudo, misto de muitas coisas, de fragmentos vividos de mim e de metades inteiras do todo. Parte por parte do que me formo, que se junta no espaço de minhas memórias que se formam e me completam.



**Figura 24** – Foto do Trabalho “Narrativas autobiográfica” exposto. **Fonte:** arquivo pessoal.

Na figura 24, temos a foto dos 8 painéis que fizeram parte da exposição coletiva no MunA, sob curadoria do Prof. Dr. Alexander Gaiotto Miyoshi, que integrou o Festival de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2015. A exposição ficou aberta à visitação de 24/11 a 19/12/2014.

O objetivo da exposição dos meus trabalhos, bem como dos processos da ideia à execução e produção, é de evidenciar de forma mais objetiva os elementos que tratamos anteriormente, quais sejam: memória, registro, imaginação como formas de produção de conhecimento. Como a arte me auxilia na forma de compreender meu cotidiano e, conseqüentemente, produzir conhecimento e, é claro, arte.

Torna-se pertinente concluir esse capítulo com as considerações Ferraz e Fusari (2010, 10) em sua obra “Arte na educação escolar” ao declara que a arte se trata de uma das mais “inquietantes e eloquentes produções do homem”. Trata-se de uma técnica que envolve lazer “derivativo existencial, processo intuitivo, genialidade, comunicação, expressão”, aspectos variantes do conhecimento arte que fazem parte do universo conceitual, ligado estreitamente ao sentimento de humanidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto até o momento percebemos que pessoas com dislexia têm uma forma diferenciada de apreender as coisas do mundo. Tal fato se dá devido à forma como o cérebro processa as informações e as codifica, para, então, gerar o conhecimento.

A memória é de suma importância no processo de cognição do disléxico, pois é a partir de sua memória longa que ele gera o conhecimento sólido. Necessita de vivenciar constantemente novas experiências para criar memórias recentes que vão alicerçar a memória longa. Como falamos das “gavetas” no capítulo 01.

Como a memória recente é instável, a arte é um recurso interessante e criativo para registrar tais memórias, sejam de sentimentos, vivências, imagens, ou mesmo aspectos culturais que servirão para construção da identidade do indivíduo.

Nesse ponto, identificamos a contribuição imprescindível da obra “Gesto Inacabado: processo de produção artística” de Cecília Almeida Salles, quando trata dos rastros e vestígios que contribuem para a produção da obra.

Para o disléxico, os rastros e vestígios de memória utilizados para a produção da obra, servirão, também, de rastros e vestígios materiais da memória que constitui parte da identidade, principalmente do indivíduo disléxico.

Em outros termos, pegar meus registros e trabalhos para a elaboração deste estudo me proporcionou uma viagem contemplativa viva de momentos do meu passado. Tanto daquilo que cada elemento representa imagética e sentimentalmente, quanto do momento histórico em que foram produzidos. Então, não se trata apenas de um registro ou resgate de uma memória longa, mas também de um presente no qual a obra está sendo produzida.

Enfim, consideramos que o disléxico, assim como o artista, tem uma visão diferente do mundo, fato que os aproxima e torna a arte um meio eficaz de auxílio ao disléxico no que concerne o registro de memória, o qual servirá de matéria-prima para a formação de conhecimento. A arte pode também contribuir com o estímulo à imaginação e criatividade que serão ferramentas importantes para a construção da sua vida em todos os âmbitos.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **O que é dislexia?** 2018. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>. Acesso em: 10/12/2018.

CARNEIRO, M. A. **O acesso e alunos com deficiência às escolas e classes comuns:** possibilidades e limitações. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FERRAZ, M. H. C. de; FUSARI, M. F. de R. **Arte na educação escolar.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, A. **Arte, escola e inclusão: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERREIRA, E. B.; FERREIRA, J. T. C.; ALVES, Â. C. F. **Dislexia e educação: deveres e dilemas.** 2017. Disponível em: [www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific\\_articles/files/000/000/051/original/Dislexia\\_e\\_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364](http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/051/original/Dislexia_e_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1411606364). Acesso em: 21/08/2018.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil:** história e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2005.

O GLOBO. **Escola troca seguranças por professores de artes e melhora desempenho dos alunos.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/escola-troca-segurancas-por-professores-de-artes-melhora-desempenho-de-alunos-8267206#ixzz4Zu1NIUW6>. Acesso em: 10/05/2017.

REIS, P. R. **As narrativas na formação de professores e na investigação em educação.** Nuances: Estudos sobre Educação, 15(16), 17-34, 2010. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/174>. Acesso em: 15/07/2018.

REIS, E. V. dos. **Manual compacto de arte.** São Paulo: Rideel, 2010.

SALLES, C. A. **Gesto Inacabado:** processo de criação artística. São Paulo: PAPESP, 1998.

TENÓRIO, G.; PINHEIRO, C. **O que é dislexia:** causa, sintomas, diagnóstico e tratamento. Agosto, 2018. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-dislexia-causa-sintomas-diagnostico-e-tratamento/>. Acesso em: 21/08/2018.

UNESCO/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA DA ESPANHA. **Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais:** Acesso e qualidade. Brasília: CORDE, 1994.